

Mudanças na realização de /r̄/, /r/ em português

Volker Noll

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

NOLL, V. Mudanças na realização de /r̄/, /r/ em português. In LOBO, T., CARNEIRO, Z., SOLEDADE, J., ALMEIDA, A., and RIBEIRO, S., orgs. *Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias* [online]. Salvador: EDUFBA, 2012, pp. 337-348. ISBN 978-85-232-1230-8. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.



Mudanças na realização de /r̄/, /r/ em português

Volker NOLL
Universidade de Münster

Introdução

A realização de /r/ como vibrante apicoalveolar é genuína nas línguas do mundo e típica das românicas. Contudo, a evolução fonética conduz, às vezes, a um deslocamento do ponto de articulação em direção ao lado velar, o que se torna particularmente óbvio em várias línguas europeias. Em alemão, a mudança para a pronúncia uvular começou no século XVI. Na língua francesa do século XVII, ela esteve manifesta na variedade de Paris, enquanto o inglês desenvolveu a sua variante pré-palatal retroflexa [ɹ] no século XVIII. No final dessas evoluções sucessivas, mas certamente independentes em cada língua, a pronúncia uvular se apresentou como peculiaridade da pronúncia lisboeta no século XIX.¹ Essa variante livre, que, irradiando a partir de Lisboa, com grande difusão, é realizada sobretudo como vibrante uvular [R] e, em parte, como fricativa velar [x] (TEYS-SIER, 2007, p. 80).

Originalmente, na língua portuguesa, o fonema /r/ é realizado antes de vogal e na posição implosiva como apicoalveolar (*arame, artigo, mar* [r]). Em posição inicial, como após /l/, /s/, após vogal nasal e após prefixo terminado em consoante sonora, /r/ aparece como vibrante apicoalveolar múltipla (*melro, desramar, enriquecer, sub-rogar* [r̄]).² Além disso, o português dispõe do fonema /r̄/, que, na posição intervocálica, faz uma oposição a /r/ (*carro* vs. *caro*) e, em distribuição regional análoga ao /r/ inicial, conhece a mesma

1 A pronúncia velar/uvular da vibrante concerne também ao danês assim como a variedades do holandês, do norueguês, do sueco, do italiano e do espanhol americano (Porto Rico; isoladamente, Venezuela, Colômbia, Panamá). O desenvolvimento em Porto Rico é datado por de Grandá, como sendo do século XIX (1978, p. 23-24). Cf. também Rohlf's (1949, §§ 164, 224, 263, 307), Wolff (1958), Göschel (1971), Chambers e Trudgill (1980, p. 186-189), Wollock (1982).

2 Para a articulação de /r/ em português, cf. Barbosa (1962), Angenot e Vandresen (1981), Reighard e Almeida (1983). Contrariamente ao Alfabeto Fonético Internacional (IPA), que, para a transcrição do *r* simples e do múltiplo, se vale respectivamente dos símbolos [r] e [r̄], utilizamos, com vistas a uma melhor diferenciação visual, os símbolos [r] e [r̄] da Romanística.

variante livre uvular [ʀ]. No Brasil, o processo de velarização está mais avançado. A realização posterior do /r/ inicialmente alveolar não ocorre apenas no início de palavra, em contraposição à norma europeia, mas em vastas regiões do Brasil, de maneira geral, também em posição implosiva. No presente artigo, propomo-nos descrever a variação na realização de /r/, /r̄/ como consequência de um processo de mudança linguística em Portugal e no Brasil.

1 A evolução histórica em Portugal

Conforme a literatura especializada, a posteriorização da vibrante múltipla (/r-/, /r̄/) foi mencionada pela primeira vez em Portugal pelo foneticista Gonçalves Viana em 1883. No início do século XX, foi caracterizada como pronúncia viciosa, que estava se espalhando cada vez mais nas cidades.³ Contudo, a partir de um testemunho despercebido de Domingos Borges de Barros, Visconde de Pedra Branca, pode-se pressupor que a mudança na pronúncia provavelmente já estava ocorrendo no primeiro quartel do século XIX.

Nessa altura, o Visconde de Pedra Branca, diplomata e homem de letras brasileiro, foi mandado a Paris a fim de obter o reconhecimento da Independência do Brasil. Na capital francesa, o geógrafo Adrien Balbi estava preparando a *Introduction à l'atlas ethnographique du globe* (BALBI, 1826), um tratado sobre o benefício do ensino de línguas e sobre a sua classificação. Balbi se comunicou com Pedra Branca e obteve dele informações sobre as diferenças entre o português europeu e o brasileiro que foram incluídas na *Introdução*. Esse material é considerado como a primeira descrição do português brasileiro, apresentada sem intenção de querer corrigir supostos erros da língua. As observações de Pedra Branca se referem à mudança semântica em comparação com o português europeu, aos neologismos brasileiros, bem como a empréstimos das línguas indígenas e africanas. Em relação a isso, apresenta, em duas listas, um contraste lexical entre o português europeu e o brasileiro.

Quanto à pronúncia uvular de /r/, o indício decisivo se encontra na primeira lista no lexema “Cecia” (*sécia*) (*apud* BALBI, 1826, p. 173). O significado atual ‘mulher elegante, mas afetada, presumida’ se desenvolveu a partir de uma pronúncia amaneirada da sibilante /s/ no século XVIII, às vezes africada [ts] por certas pessoas, o que Madureira Feijó, em 1739, qualificava de afetado.⁴ Enquanto o significado brasileiro da palavra “Cecia” corresponde, na tradução francesa (“Minaudière” ‘mulher afetada’), ao uso atual, o

3 “On trouvera individuellement des *r* vibrantes [sic] uvulaires, même parmi des gens qui prononcent *r* simple comme une linguale” (GONÇALVES VIANA, 1883, p. 48). Em 1903, ele observou: “La prononciation uvulaire de *rr*, mais non pas de *-r-*, comme *ʀ*, se répand de plus en plus dans les villes. Cependant, on la regarde encore comme vicieuse” (1903, p. 19).

4 “Pelo contrario escrevamos, pronunciamos *Sá* [...] e não *C,a* [...] porque esta pronunciaçãõ não he naturalmente nossa, mas só affectada, ou de mulheres açucaradas, ou de homens ceciosos” (MADUREIRA FEIJÓ, 1739, p. 36). Cf. Bluteau (1789): *cecioso*, adj., ‘o que não pode pronunciar a consoante *z*, e diz *quiffera* por *quizera*’. Morais Silva (1813): *cecioso*, adj., ‘o que não pôde pronunciar a consoante *z*, e diz *quissera* por *quizera*, tocando talvez com a lingua nos dentes superiores’.

significado atribuído ao português europeu da época é, contudo, surpreendente. Conforme a explicação em francês é “Action de grasseyer”, referindo-se claramente à pronúncia uvular da vibrante (‘pronunciar o r de maneira uvular’).

Um século depois da edição francesa, a lista de Pedra Branca foi reproduzida por João Ribeiro, acompanhada de um comentário. Contudo, Ribeiro não percebeu o significado que tinha a palavra fr. *grasseyer* no âmbito da fonética do português (1921, p. 31). A reprodução recente de Wanke e Simas Filho (1991, p. 20) tampouco soube explicar o caso, mas os autores constataram a contradição evidente entre *r* e *s* que eles pensavam corrigir com uma referência ao significado original: “*cecia* — em Portugal, defeito de pronúncia de «r» (*sic*, conforme o Visconde — na verdade, é do som «ss»)”. Como se refere, de fato, à pronúncia da vibrante, o testemunho de Pedra Branca (1824/25) é de uma importância particular na história da língua portuguesa. Parece que a denominação “*cecia*”, que se originou da pronúncia afetada de /s/ no século XVIII, ampliou seu significado em Portugal quando surgiu outro maneirismo na pronúncia, a saber, o do [R] uvular. Os dois significados linguísticos da palavra *sécia*, contudo, desapareceram, quando, por um lado, desapareceu o maneirismo da pronúncia afetada da sibilante, e, por outro lado, quando a pronúncia uvular andava estabelecendo-se em Portugal.

É notável que a mesma transposição semântica de cecear se observa na língua francesa. Assim, no século XVII, os verbos *grassier* e *grassayer* são traduzidos no dicionário francês-inglês de Cotgrave (1611, s.v.) por “*To lispe*” ‘cecear’. No final daquele século, na primeira edição do *Dictionnaire de l’Académie Française* (1694), no entanto, *grasseier* modificou seu significado, referindo-se então a problemas de pronúncia, e especialmente a respeito de /r/: “Parler gras, prononcer certaines consonnes, e principalement l’R avec difficulté.” (Académie 1694, s.v.).⁵ Isso reflete a mudança geral na articulação do /r/, /r̄/ francês que se anunciou no século XVI⁶ e que se completou no decorrer do século XVII. O paralelismo entre o francês e o português na evolução semântica da palavra cecear sublinha o significado do testemunho de Pedra Branca no processo de posteriorização de /r-/, /r̄/ em Portugal no primeiro quartel do século XIX.

Na variedade de Setúbal, ao sul de Lisboa, Leite de Vasconcellos notou a difusão excepcional do fenômeno a todas as posições da vibrante no início do século XX ([1901] 1987, p. 98). Pode-se dizer que, na atualidade, a posteriorização da [r̄] múltipla se espalha cada vez mais em Portugal. Trata-se do um fenômeno claramente urbano, enquanto a pronúncia apical é ainda típica do Norte do país. Um estudo de Malvar Fernández (2005) demonstra que, em Coimbra, a pronúncia apical está sendo deslocada. Sobretudo os jovens realizam a variante uvular, dando preferência à pronúncia surda frente à sonora.

5 Achamos uma definição quase idêntica no *Dictionnaire universel* de Furetière: “Parler gras, ne pouvoir pas bien prononcer certaines lettres, & entre autres l’r” (1690, s.v.).

6 “Nous arrivons donc à la conclusion que deux r s’opposaient au 16e siècle, l’un étant apical et l’autre vélaire. Vu dans une perspective diachronique cela veut dire que la vélarisation comme changement historique s’était produite d’abord dans l’ancien rr double, mais qu’à l’époque qui nous concerne ici, elle ne s’était pas encore généralisée à l’r faible” (REIGHARD, 1985, p. 316).

2 A evolução histórica no Brasil

2.1 O avanço da velarização

No português brasileiro, a variante apicoalveolar de /r/ [r] se limita principalmente à posição intervocálica. Isso se deve à velarização avançada que, em vastas regiões do Brasil, não se restringe ao /r-/ inicial e ao fonema /r̄/ em posição intervocálica (> [x] > [h]). Na maior parte do Brasil, entre o Rio de Janeiro e o sudeste de Minas Gerais até o Norte do país, a velarização se estendeu ao /r/ implosivo (*forte* [ˈfɔxtʃi], *honrar* [õˈɾaː], [õˈxaː]).⁷ Por isso, admira que Callou e Leite e Moraes considerem a posteriorização do /r/ uma pronúncia “regional” (2002, p. 537). Embora esse fenômeno não abranja o Brasil inteiro, o *flap* alveolar [r] em posição pré-consonantal, típico da cidade de São Paulo, por exemplo, não é mais majoritário no Brasil quanto à extensão do fenômeno e, portanto, ele mereceria ser chamado de regional em primeiro lugar.

Callou e Moraes e Leite, apresentando um panorama geral da realização de /r/ em posição pré-consonantal, baseado nos inquéritos do projeto NURC, obtiveram por volta de 60% de realizações velares e aspiradas, enquanto a realização alveolar atingiu cerca de 35% (2002, p. 466). Na transcrição do português brasileiro, a velarização e a aspiração, via de regra, não são levadas em consideração. Contudo, o novo *Dicionário Larousse Português / Espanhol* (LAROUSSE, 2006), que parece apoiar-se na pronúncia do Rio de Janeiro, indica essa pronúncia na forma seguinte: *aspirar* [aʃpiˈra^(x)], *divergir* [dʒivɛxˈʒi^(x)].

Em comparação com a uvular sonora [R] do português europeu, que é realizada com fricção mais intensa do que o /r/ francês,⁸ a pressão articulatória na formação do /r/ velar do português brasileiro [xC, -Vː#] é bem mais fraca. No início de palavras, na maior parte das vezes, se reduz para [h] (*rio* [ˈhiu]). Nesse caso, a realização dos fonemas /r/ e /r̄/ se manifesta preponderantemente na oposição de *caro* [r] : *carro* [h].

7 Por isso, adotamos o /r/ velar ([x]) para representar o /r/ pré-consonantal nos exemplos gerais. Como, na posição final, alteram a fricativa, a aspiração e a queda, convencionamos usar um sobrescrito (*amar* [aˈmaː]).

8 A pronúncia de um português costuma chamar a atenção dos brasileiros, entre outras coisas, pela realização intensa do [R]: referem-se a ela como uma pronúncia que “puxa no r”.

Figura 1:



No interior de São Paulo e na região Sul (Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul), o /r/ velar não é difundido de maneira autóctone, mas ocorre como variante em início de palavra. A variante aspirada [h-] é lá quase inexistente. O *Atlas linguístico-etnográfico da região Sul do Brasil* (ALERS, mapa 44), ao menos, nunca o anota. Em posição implosiva, domina o /r/ alveolar.

Além da tendência ao enfraquecimento do /r-/ e do /r̄/ para [h], que não costuma ocorrer em São Paulo (interior) e na região Sul, existem variantes regionais e idioletais. O enfraquecimento desaparece na fala enfática. Devido ao ensurdecimento do /r/ ([x], [h]), acaba não ocorrendo, em português brasileiro, a assimilação regressiva sintagmática do -s do plural (PE [u(3)riũ̃] vs. PB [us xiũ̃], [us hiũ̃]). Em São Paulo (interior) e na região Sul, há, para /r-/ e /r̄/, as variantes [r̄ ɣ x r] (cf. ALPar, mapas 99, 186).

Quanto aos primeiros testemunhos da posteriorização, o citado Gonçalves Viana comentou sobre a realização velar do /r/ inicial no final do século XIX:

“Ce r fricatif sonore est cependant assez fréquent dans la prononciation des Brésiliens, et remplace chez eux le r vibrant; je ne saurais dire, toutefois, jusqu’à quel point cette prononciation est individuelle ou dialectale; je l’ai surtout remarquée chez des naturels de Pernambuco et de São Paulo” (GONÇALVES VIANA, 1883, p. 48).⁹

Não conhecemos testemunhos diretos que comprovem o começo da extensão da velarização à posição pré-consonantal no português brasileiro. Contudo, existe um depoi-

⁹ O que surpreende é a indicação de Gonçalves Viana para São Paulo, pois, conforme este testemunho, a realização velar, em posição inicial, aparece relativamente cedo numa área que, até hoje, desenvolveu menos a velarização.

mento quanto à posição final que, sendo implosiva, equivale foneticamente à posição pré-consonantal na palavra. Explicando seu sistema de notação fonética, Gonçalves Viana deu como exemplo do símbolo “ح” a pronúncia velar do /r/ final em muitas variedades brasileiras no final do século XIX:

“ح : êste mesmo, ciciado, como o *r* final de muitos dialectos brasileiros, entre elles o do Rio de Janeiro, por ex. em *maح, seح*” (GONÇALVES VIANA, 1892, p. 40).

Resulta que, no final do século XIX, o processo de velarização era mais desenvolvido no português brasileiro do que no português europeu. Considerando, ademais, que o primeiro testemunho da posteriorização menos progressiva no português europeu remonta a 1824/25, pode-se partir do fato de que a mudança no português brasileiro tivesse começado também no início do século XIX. Nesse contexto, convém observar que a manutenção do /r/ apical na posição implosiva, típica de São Paulo e do Sul, corresponde, do ponto de vista areal, à conservação de um arcaísmo numa zona linguística marginal.

O /r/ inicial, descrito como uma fricativa velar sonora por Gonçalves Viana em 1883 (v. acima), passou, desde então, por um processo de dessonorização e de relaxamento. Na maior parte do Brasil, transformou-se em uma fricativa glotal, citada por Stavrou para o Rio de Janeiro, no fim da década de 40 do século XX. Para ilustrar essa pronúncia, Stavrou recorreu aos exemplos ingleses *how* e *Harry* (1947, p. 30).

2.2 A queda de /r/

Na posição final, /r/ sofre um enfraquecimento especial e tende a cair na língua coloquial. Isso é notável sobretudo no infinitivo (*amar* [a'ma^x], [a'ma]). Na língua popular, esse /r/ final também não se realiza nem quando seguido de vogal (*quero saber uma coisa* ['keru sa'be uma 'kojza]) e pode, por assim dizer, ser considerado como medidor da coloquialidade. Callou e Moraes e Leite (2002, p. 468) encontraram, comparando as cinco metrópoles brasileiras do projeto NURC, a maior queda do /r/ com 62% em Salvador e 50% em Recife, enquanto São Paulo atingia 49%, Rio de Janeiro, 47% e Porto Alegre, 37%. No total, obtiveram, em posição final, 50% de queda, por volta de 10% de realizações velares e aspiradas respectivamente, 30% de realizações alveolares e poucos casos de retroflexão (CALLOU; LEITE; MORAES, 2002, p. 466). Além disso, observa-se uma diferença nítida entre verbos e substantivos, os últimos mantendo o /r/ final em 83% das ocorrências, enquanto são apenas 35% em verbos (2002, p. 479). No entanto, sufixando o morfema de plural, a realização alveolar do /r/ é obrigatória também no português brasileiro (*elevador - elevadores* [eleva'do^x] vs. [eleva'doris]).

Para São Paulo e a região Sul, onde o /r/ velar e o aspirado ocorrem relativamente pouco, a queda do /r/ apresenta uma mudança mais radical do que no Nordeste, onde essas formas intermediárias são usuais. Na área do /r/ velarizado, o desaparecimento da consoante se observa também em posição implosiva antes de fricativa surda (*Márcia* →

[¹masja]). Em substantivos monossílabos, há basicamente a tendência para evitar a queda do /r/.

A queda do /r/ final da língua coloquial brasileira encontra paralelos regionais no português europeu. Leite de Vasconcellos ([1901] 1987, p. 98) apresenta a apócope do /r/ especialmente no Norte e no centro de Portugal (*comprá' caro*), mas aparece também no Sul. Leite de Vasconcellos acrescenta que a perda da vibrante em posição final de palavra, diante de uma palavra iniciada por consoante, é bastante comum.¹⁰ No contexto românico, a queda ocorre, entre outros casos, com o espanhol meridional (sobretudo da Andaluzia ocidental), o espanhol americano (Caribe), no italiano meridional e em variedades do italiano setentrional, sobretudo no infinitivo (cf. ROHLFS, 1949, § 307). Quanto ao padrão, corresponde ao infinitivo do catalão e do francês (verbos em *-er*). Essas circunstâncias do mundo românico descredenciam, no português brasileiro, um desenvolvimento influenciado, principalmente pelas línguas africanas, como o que, por exemplo, é apresentado por de Granda (1978). Deve-se observar, nesse contexto, que, no espanhol argentino, que teve um contato superficial com populações africanas, também ocorre parcialmente a queda do /r/ final.¹¹

No português brasileiro, a forma *sinhazinha* (RODRIGUES MAIA, c1800, p. 322v) < *sinhá, sinhô* deixa implícito a queda do /r/ final na língua popular por volta de 1800. Essa queda é definitivamente comprovada em 1842 por Lopes Gama, que criticava formas respectivas em seu jornal *O Carapuceiro*:

Muitos declaram guerra aos *rr* finaes, e dizem sempre *mandâ, buscâ, comê, dormí, singulâ, &c. &c.* (fac-símile *apud* M. Pessoa, 1994, p. 78).

O *Dicionário da língua portuguesa*, da Academia Brasileira de Letras, elaborado de 1940 a 1943, transcreve o /r/ final como fricativa.¹² Contudo, a queda do /r/ final não é decorrência necessariamente associada a um intermediário velar e aspirado (*amar* [a¹ma^x], [a¹ma^h]). Isso é sabido pelas circunstâncias da cidade de São Paulo, onde o /r/ em posição final, às vezes, é realizado de maneira alveolar (41%) e, às vezes, cai (49%). Variantes velares ou aspiradas não ocorrem como prováveis etapas intermediárias nesse contexto (cf. CALLOU; LEITE; MORAES, 2002, p. 484).

2.3 O r-caipira

No Sul do Brasil (no Paraná, muito menos em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul; cf. ALERS, mapa 49), em São Paulo, no sul de Minas Gerais, no Mato Grosso do

10 “Une [sic] *r* devant la consonne initiale du mot suivant disparaît facilement dans le langage courant: *trabalhá' todo o dia*” (LEITE DE VASCONCELLOS, [1901] 1987, p. 77).

11 “La *r* final de los infinitivos se debilita en diversos grados y hasta llega a caer en el habla vulgar y campesina de algunas regiones del país” (VIDAL DE BATTINI, 1966, p. 111).

12 Cf. *adoecer* “[adue¹se¹]” (NASCENTES, 1961-67, s.v.). Nesse contexto, o símbolo [j] é caracterizado como “fricativo” na introdução do dicionário.

Sul, em Mato Grosso, em Rondônia¹³ e em Goiás, ocorre, sobretudo nas áreas rurais e em posição implosiva, uma variante retroflexa do /r/, que é conhecida como *r-caipira*.¹⁴

Trata-se de uma aproximante, que, como o /r/ em geral, tem uma gama articulatória, isto é, varia em grau de retroflexão ([ɾ ɻ ʀ]). Para representá-la, adotamos o símbolo [ɻ]. Ela se parece com o /r/ do inglês americano e é bastante comum no interior de São Paulo (*quarto* ['kwa.ɾtu]). Rector (1975, p. 20) limitava o aparecimento do *r-caipira* ao sul do Estado de São Paulo, contudo, por meio da significativa migração populacional para os centros urbanos, também é observável uma ampliação do fenômeno para a cidade de São Paulo. Além da posição implosiva, o *r-caipira* pode ocorrer na posição intervocálica e em *clusters*¹⁵. Dessa forma, o *Atlas Linguístico do Paraná* nota, para *baixeiro*, a variante [ba'ʃeɻu] (ALPar, mapa 117). Além disso, o *r-caipira* aparece de forma esporádica em outros estados brasileiros. Os atlas da Bahia (APFB, cf. HEAD, 1978), de Sergipe (ALS) e da Paraíba (ALP) registram testemunhos análogos. Na zona rural do Ceará e do Maranhão, o *r-caipira* também é ouvido esporadicamente.

A variante retroflexa do /r/ [ɻ] é uma inovação do português brasileiro. Ao contrário do que pensava Amaral (1982, p. 48), não pode ser associada com o substrato indígena, visto que o tupi-guarani apenas conhece o /r/ apical. Uma variante retroflexa [ɻ] do vibrante aparece também no espanhol do centro da Costa Rica, em áreas rurais da Guatemala, na região mexicana de Veracruz e no chabacano, língua crioula de base espanhola nas Filipinas (cf. NOLL, 2009, p. 33). Foneticamente, trata-se de um bloqueio da articulação vibrante que ocorre sobretudo na posição implosiva. O desvio da tensão articulatória pode resultar numa velarização (PB *carta* ['kaxta]), numa assibilação (esp. andino *carro* ['kaʒo]) ou na pronúncia retroflexa. A primeira aparição da pronúncia retroflexa no português brasileiro não é documentada.

2.4 A realização polimorfa de /r/

A caracterização do /r/ se mostra muito complexa, no português brasileiro. São observáveis inúmeras variantes regionais e idioletais ([χ ʁ ʁ̥ ɻ x h]; cf. PARKINSON, 1990, p. 138) que nosso mapa não contempla em detalhe. Thomas se expressa sobre a difusão da variação do /r/: “In the single town of Belo Horizonte, nine pronunciations were heard [...]” (1966, p. 273). Milton Azevedo observa, com respeito às variantes: “[...] some are found in free variation in the same dialect or even in the speech of the same individual” (1981, p. 37).

13 Informação de Wolf Dietrich, Münster.

14 Sob o termo *dialeto caipira* entende-se, *stricto sensu*, um grupo de dialetos rurais em São Paulo e no sul de Minas Gerais (cf. AMARAL, 1982). O termo *caipira* descreve geralmente, no português brasileiro, uma pessoa do interior, que se apresenta como provinciana (do ponto de vista da educação, do vestuário, dos comportamentos). A respeito do *r-caipira*, cf. Head (1978), (1987).

15 Ferreira Netto (2001, p. 100) cita *praça* ['piasa] em Taubaté (SP).

Também nos atlas linguísticos brasileiros, existem problemas com a notação do /r/. O /r/ pré-consonantal velarizado aparece, conforme a descrição do *Atlas prévio dos falares baianos* (APFB), como fricativa uvular surda → “[p]”; no *Atlas linguístico de Sergipe* (ALS), numa notação quase igual, como fricativa velar surda → “[p]” e no *Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais* como “vibrante velar sonora” → “[R]” (EALMG, 35). Como vibrante, um /r/ não pode, contudo, ser velar. Trata-se ou de uma fricativa velar ou de uma vibrante uvular.¹⁶ No que tange à sonorização registrada no EALMG, surgem algumas dúvidas, uma vez que se deve partir do fato de que o /r/ seja surdo diante de [k], por exemplo, em *arco-íris*, não devendo ser, portanto, caracterizado como sonoro, como ocorre no EALMG (mapa 2). A sonorização de um /r/ velar (antigamente múltiplo), em português brasileiro, ocorre somente antecipado por uma nasal: *tenro* [ˈtẽɻu] ao lado de [ˈtẽ (i)xu], [ˈtẽhu]. Também é digno de nota, como já dissemos, que a velar /r/ em início de palavra, no português brasileiro, não sonoriza um -s plural que venha antes, como é o caso do português europeu. Desse modo, o /r/ velarizado deveria ser apresentado, em português brasileiro, predominantemente como uma fricativa velar surda [x], desde que não sofra qualquer enfraquecimento para [h] (ou esteja após nasal).

A realização complexa do /r/ implosivo no Sul do Brasil se expressa no mapa 187 do *Atlas linguístico do Paraná* (ALPar). No norte, no centro-oeste e no leste do Estado, predomina, em posição implosiva, o *r*-caipira [ɾ]; no extremo-oeste, mantém-se como [r]; no sudoeste, o /r/ implosivo é realizado até mesmo como múltiplo ([r̄]). Nas demais regiões, as realizações se entrecruzam. Fora isso, deve-se levar em conta o fato de que não se deduz do ALPar que, devido a uma certa estigmatização do *r*-caipira ([ɾ]), a variante [r] em São Paulo e na região Sul (Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul) valha como padrão regional, enquanto [x], em posição implosiva, é típico do português brasileiro a partir do Rio de Janeiro e o sudeste de Minas Gerais até o Norte do país. Ambas as realizações ocorrem em certos falantes instruídos da região Sul (*normal* [norˈmaɻ], [noxˈmaɻ]), talvez como reflexo da interferência com uma norma supra-regional. Além disso, o /r/ implosivo velar só aparece em Florianópolis (SC) e na área continental situada em frente (cf. ALERS, mapa 50).

Conclusão

Das características mencionadas, evidencia-se que a posteriorização do /r/ apresenta uma inovação no sistema fonológico das variedades portuguesas. Sobretudo no português brasileiro, faz parte de uma tendência manifesta e sistemática de eliminar a consoante em final de sílaba. A realização hoje preponderantemente dessonorizada [x] do /r/ implosivo, a realização de [h] em início de palavra e a queda no final de palavra são sinais de um enfraquecimento geral do /r/ no português brasileiro. Esse enfraquecimento é explicado por uma perda na tensão articulatória que ocorre sobretudo em /r-/ e /r̄/.

¹⁶ Devido à difusão variacional do /r/, o termo *uvular* em parte é utilizado para o /r/ velar e o uvular (Wollock, 1982, p. 188).

Na posição pré-consonantal, que corresponde ao /r/ em final de sílaba, essa tendência do esforço diminuído, do ponto de vista articulatório, se mostra mais forte do que o princípio da lei de contato silábico (cf. VENNEMANN, 1988, p. 40). Conforme essa lei, a realização alveolar [r] em final de sílaba estabelece, basicamente, uma distância sonora maior e, portanto, mais propícia ao fortalecimento requerido da consoante inicial da sílaba seguinte. Contudo, é a fricativa [x] que ocorre hoje majoritariamente no português brasileiro. No desenvolvimento subsequente – e isso se refere, no português brasileiro, sobretudo à posição final –, pode acontecer a queda da consoante ([a¹ma]). Nesse caso, cria-se novamente um encontro silábico ótimo do tipo CV. Pode-se partir do fato de que, num futuro próximo, o /r/ final no português brasileiro, pelo menos nos infinitivos, cairá completamente.¹⁷

Referências

- ACADÉMIE (1694). *Le dictionnaire de l'Académie Française*, em: *Les 8 éditions du Dictionnaire de l'Académie française en diachronie*. Version 1.0. Marsanne: Redon.
- ALERS: KOCH, Walter; KLASSMANN, Mário Silfredo; ALTENHOFEN, Cléo Vilson (2002). *ALERS. Atlas linguístico-etnográfico da Região Sul do Brasil*. 2 vol. Porto Alegre: UFRGS - Florianópolis, UFSC - Curitiba, UFPR.
- ALP: ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de (1984). *Atlas linguístico da Paraíba*. 2 vol. Brasília: UFPB / CNPq.
- ALPar: AGUILERA, Vanderci de Andrade (1994). *Atlas linguístico do Paraná*. Curitiba.
- ALS: FERREIRA, Carlota da Silveira et al. (1987). *Atlas linguístico de Sergipe*. Salvador.
- APFB: ROSSI, Nelson (1963). *Atlas prévio dos fálares baianos*. Rio de Janeiro.
- AMARAL, Amadeu (⁴1982, ¹1920). *O dialeto caipira. Gramática – Vocabulário*. São Paulo: HUCITEC.
- ANGENOT, Jean-Pierre; VANDRESEN, Paulino (1981). The Portuguese [R]'s revisited. In: ANGENOT et al. (Org.). *Studies in pure natural phonology and related topics*. Florianópolis: UFSC. p. 82-102.
- AZEVEDO, Milton M. (1981). *A contrastive phonology of Portuguese and English*. Washington: Georgetown Univ. Press.
- BALBI, Adrien (1826). *Introduction à l'atlas ethnographique du globe, contenant un discours sur l'utilité et l'importance de l'étude des langues appliquée à plusieurs branches des connaissances humaines; un aperçu sur les moyens graphiques employés par les différents peuples de la terre; des observations sur la classification des idiomes décrits dans l'atlas; un coup-d'œil sur l'histoire de la langue slave et sur la marche progressive de la civilisation et de la littérature en Russie, dédié à S. M. l'Empereur Alexandre, par Adrien Balbi [...]* I. Paris: Rey et Gravier.
- BARBOSA, Jorge Morais (1962). Sur le /R/ portugais. In: CATALÁN, Diego (Org.). *Miscelánea homenaje a André Martinet "Estructuralismo e historia"*. III. La Laguna, Universidad de La Laguna, p. 211-226.

¹⁷ Callou, Leite e Moraes (2003, p. 96, 99) atestaram no Rio de Janeiro, entre os anos 70 e 90 do século XX, um aumento geral da queda da consoante de cerca de 65% para 75%; com os verbos, o aumento passou de 73% para 82%.

- BLUTEAU, Rafael (1789). *Diccionario da lingua portugueza* composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva, natural do Rio de Janeiro. 2 vol., Lisboa: Na Officina de Simão Thaddeo Ferreira.
- CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne; MORAES, João (2002). Processo(s) de enfraquecimento consonantal no português do Brasil. In: ABAURRE, Maria B. M.; RODRIGUES, Angela C. S. (Org.). *Gramática do português falado. VIII: novos estudos descritivos*. Campinas: Editora da UNICAMP. p. 537-555.
- CALLOU, Dinah; MORAES, Marcelo M.; LEITE, Yonne (2002). Variação e diferenciação dialetal: a pronúncia do /ʎ/ no português do Brasil. In: KOCH, Ingedore G. Villaça (Org.). *Gramática do português falado. VI: desenvolvimentos*. Campinas: Editora da UNICAMP. p. 463-489.
- CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, Peter (1980). *Dialectology*. Cambridge: CUP.
- COTGRAVE, Randle (1611). *A dictionarie of the French and English tongues*. London: Islip.
- EALMG: RIBEIRO, José et al. (1977). *Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais*. I. Juiz de Fora.
- FEIJÓ, João de Morais de Madureira (1739). *Orthographia, ou arte de escrever, e pronunciar com acerto a lingua portugueza*. Coimbra: Ferreyra.
- FURETIÈRE, Antoine (1690). *Dictionnaire universel*, em: *Le Grand Atelier historique de la langue française*. Version 1.0. Marsanne: Redon.
- GÖSCHEL, Joachim (1971). Artikulation und Distribution der sogenannten Liquida r in den europäischen Sprachen, em: *Indogermanische Forschungen* 76, p. 84-126.
- GRANDA, Germán de (1978). Velarización de *r̄* en el español de Puerto Rico, *Estudios lingüísticos hispánicos, afrohispanicos y criollos*, Madrid, p. 11-68.
- HEAD, Brian F. (1978). Subsídios do *Atlas prévio dos falares baianos* para o estudo de uma variante dialetal controvertida. *Cadernos de estudos lingüísticos*, Campinas, n. 1, p. 21-34.
- HEAD, Brian F. (1987). Propriedades fonéticas e generalidades de processos fonológicos: o caso do «r-caipira». *Cadernos de estudos lingüísticos*, Campinas, n. 13, p. 5-39.
- LAROUSSE (2006). *Dicionário Larousse espanhol / português • português / espanhol avançado*. São Paulo: Larousse.
- MAIA, Manuel Rodrigues (c1800). *O Periquito ao Ar, ou O Velho Uzurário*. Farça que se representou no Theatro Nacional do Salitre com geral acceitação, composta pelo profeçor Manoel Rodrigues Maia, ampliada por por Alexandre Jozé Victor da Costa Sequeira, copiada aos 19 de Janeiro de 1818.
- MALVAR FERNÁNDEZ, Paulo (2005). Distribuição diastrática e diafásica do /R/ na região de Coimbra. *Agália*, n. 81-82, p. 143-170.
- NASCENTES, Antenor (1961-67). *Dicionário da língua portuguesa*. 3 vol. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional. [21988: Rio de Janeiro: Bloch]
- NETTO, Waldemar Ferreira (2001). *Introdução à fonologia da língua portuguesa*. São Paulo: Hedra.
- NOLL, Volker (2009). *Das amerikanische Spanisch. Ein regionaler und historischer Überblick*. Tübingen: Niemeyer.
- NOLL, Volker (2008). *O português brasileiro: formação e contrastes*. São Paulo: Globo.
- PARKINSON, Stephen (1990). Portuguese. In: HARRIS, Martin; VINCENT, Nigel (Org.). *The Romance Languages*. London: Routledge. p. 131-169.

- PESSOA, Marlos (1994). "A linguagem bordalenga de muita gente": o conteúdo linguístico de importante fonte para o conhecimento do português brasileiro do século XIX. *Lusorama*, n. 25, p. 70-80.
- RECTOR, Mônica (1975). *A linguagem da juventude: uma pesquisa geo-sociolinguística*. Petrópolis: Vozes.
- REIGHARD, John (1985). La vélarisation de l'r en français et en portugais, em: *Actes du XVII^{ème} Congrès international de linguistique et philologie romanes (Aix-en-Provence, 29 août - 3 septembre 1983)*. II. Aix-en-Provence: Université de Provence, p. 311-321.
- REIGHARD, John ; ALMEIDA, A. de (1983). /R/ en début et en fin syllabiques dans les dialectes portugais. *Revue de l'Association Québécoise de Linguistique*, n. 3, p. 177-186.
- RIBEIRO, João (1921). *A língua nacional: notas aproveitáveis*. São Paulo: Monteiro Lobato.
- ROHLFS, Gerhard (1949). *Historische Grammatik der italienischen Sprache und ihrer Mundarten. I. Lautlehre*. Bern: Francke.
- SILVA, Antônio de Moraes (1813). *Diccionario da lingua portugueza* recopilado dos vocabularios impressos até agora, e nesta segunda edição novamente emendado, e muito accrescentado. 2 vol. Lisboa: Lacerdina.
- STAVROU, Christopher (1947). *Brazilian-Portuguese pronunciation including word list with indicated pronunciation*. New York: McKay.
- TEYSSIER, Paul (2007, ¹1975). *História da língua portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes.
- THOMAS, Earl W. (1966). Emerging patterns of the Brazilian language. In: BAKLANOFF, Eric N. (Org.). *New perspectives of Brazil*. Nashville: Vanderbilt Univ. Press. p. 264-297.
- VASCONCELLOS, José Leite de (³1987, ¹1901). *Esquisse d'une dialectologie portugaise*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- VENNEMANN, Theo (1988). *Preference laws for syllable structure and explanation of sound change with special reference to German, Germanic, Italian, and Latin*. Berlin/New York/Amsterdam: Mouton de Gruyter.
- VIANA, Aniceto R. Gonçalves (1883). Essai de phonétique et de phonologie de la langue portugaise d'après le dialecte actuel de Lisbonne. *Romania*, n. 12, p. 29-98. [Essai de phonétique et de phonologie de la langue portugaise d'après le dialecte actuel de Lisbonne. Lisboa: Fernandes, ²1941]
- VIANA, Aniceto R. Gonçalves (1892). *Exposição da pronúncia normal portuguesa para uso de nacionais e estrangeiros*. Lisboa.
- VIANA, Aniceto R. Gonçalves (1903). *Portugais. Phonétique et phonologie, morphologie, textes*. Leipzig: Teubner.
- VIDAL DE BATTINI, Berta Elena (²1966). *El español de la Argentina: estudios destinados a los maestros de las escuelas primarias*. Buenos Aires: Casa Nacional de Educación.
- WANKE, Eno T.; SIMAS FILHO, Roldão (1991). *Dicionário lusitano-brasileiro (Expressões, palavras e acepções comuns em Portugal, porém desconhecidas ou pouco utilizadas no Brasil)*. Rio de Janeiro: Tecnoprint.
- WOLFF, Gladys (1958). *French R: a study in historical phonetics and phonemics*. Diss. Columbia Univ.
- WOLLOCK, Jeffrey (1982). Views on the decline of apical R in Europe: historical study. *Folia Linguistica Historica*, n. 3, p. 185-238.